

Com Luz Própria

e com sua propria

A decepção dos investidores com as declarações do presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, no comitê de finanças da Câmara dos Deputados jogou no chão os índices das bolsas americanas. Em Wall Street e no pregão eletrônico da Nasdaq, dava-se como favoras contadas nova redução das taxas de juros antes da reunião do Comitê Federal do Mercado Aberto (Fomc), marcada para o próximo dia 20. Os responsáveis pela política monetária certamente seriam sensíveis aos claros sinais de desaquecimento da economia dos Estados Unidos e repetiriam a estratégia adotada em janeiro, quando derrubaram os juros por duas vezes seguidas. Nada disso. Greenspan afirmou aos deputados que o Federal Reserve "prefere mudar as taxas durante as reuniões previamente programadas do Fomc". Jogou um balde de água fria nas esperanças do mercado.

Ao justificar o visível recuo, Greenspan explicou que "o excepcional ritmo de desaceleração tão evidente no fim do ano passado parece estar menos pronunciado em janeiro e fevereiro". Um dos indicadores utilizado por ele foi o da venda de veículos e de casas, que, embora modestas, sugerem que os consumidores ainda "se sentem suficientemente confiantes a ponto de assumir compromissos a longo prazo". O Fed, portanto, concorda com os economistas que vêem desaceleração, mas nem de longe desaquecimento da economia americana. A partir dessa interpretação, as taxas de juros ficam no nível em que estão e o mercado que trate de se adaptar. O que, aliás, vem fazendo com baixas acentuadas: no mês de fevereiro, o índice Nasdaq sofreu a terceira maior queda mensal acumulada de sua história.

É possível entender a cautela de Alan Greenspan. Da mesma forma que o board do Fed demorou a reconhecer os sinais de queda de ritmo na atividade econômica – mantendo os juros nas alturas até janeiro –, agora não quer ser acusado de precipitação. Aguarda dados mais convincentes para, se necessário for, retomar a redução das taxas de juros na reunião de rotina. Greenspan é gato escaldado, admite que o processo de desaceleração ainda não concluiu seu ciclo completo, mas prefere andar em terreno firme. Algumas vozes, porém, sustentam que o Fed perdeu o prumo e já não consegue transmitir confiança. Surgem críticas também ao apoio de Greenspan ao corte de impostos defendido pelos assessores econômicos de George W. Bush desde a campanha presidencial. Sua opinião mudou radicalmente depois da vitória e da posse de Bush. Numa posição ambígua, afirmou no Senado que os cortes nos impostos são bem-vindos, mas disse temer pelo equilíbrio fiscal.

Enquanto os americanos se mostram atônicos com o ziguezague do Federal Reserve, a alternativa para o resto do mundo é não dar ouvidos à especulação e trabalhar em cima de dados concretos. Todas as estatísticas confirmam a desaceleração da economia dos Estados Unidos. Pelo quinto mês consecutivo, o índice de confiança dos consumidores americanos caiu em fevereiro para o nível mais baixo dos últimos quatro anos. O índice foi a 106,8 pontos, contra 115,7 em janeiro. As encomendas de bens duráveis caíram 6%. E subiram para 327 mil os pedidos de auxílio-desemprego na última semana de fevereiro, confirmando as demissões em massa em vários setores da indústria. Não resta dúvida: o longo ciclo de prosperidade que marcou os anos 90 chegou ao fim.

Países como o México, fortemente atrelados à economia americana, devem pagar um preço alto. Mas o Brasil tem tudo para passar ao largo das trovoadas que se ouvem no Norte – desde, é claro, que o desaquecimento dos EUA não se transforme em recessão profunda, arrastando o comércio mundial. A economia brasileira continua a dar demonstrações de força poucas vezes vistas. Pesquisa da Federação das Indústria do Rio de Janeiro (Firjan) mostrou atividade industrial surpreendente em janeiro: o mais alto nível de vendas neste mês desde 1992. Em comparação a janeiro de 2000, a expansão foi de 31,9%. Outra surpresa se verificou no desempenho da balança comercial em fevereiro. Ao contrário do que se esperava (em função do boicote à carne) o mês fechou com superávit de US\$ 80 milhões, o que não ocorria desde agosto do ano passado.

Vale a pena repetir: os fundamentos da economia brasileira são sólidos e a taxa de crescimento do PIB em 2001 deve chegar a 5%. Perde tempo os especuladores que tentam exacerbar os efeitos de crises cambiais em países como a Turquia ou mesmo na vizinha Argentina. O Brasil tem luz própria e os investidores estrangeiros já perceberam isso. Tanto que não reduzem o ritmo de seus negócios no país. Aí está a Heineken, terceira maior cervejaria do mundo, disposta a comprar a Kaiser por US\$ 750 milhões. Obviamente, os empresários holandeses estão bem informados sobre as peripécias do Fed e as incertezas da economia dos Estados Unidos, porém também sabem que o Brasil, nos últimos anos, realizou reformas essenciais que garantem a retomada do crescimento. A tendência é firme. Quem quiser apostar contra que o faça, mas corre o risco de perder o bônus da história.